

TEXTO, ARTIGO, ENSAIO

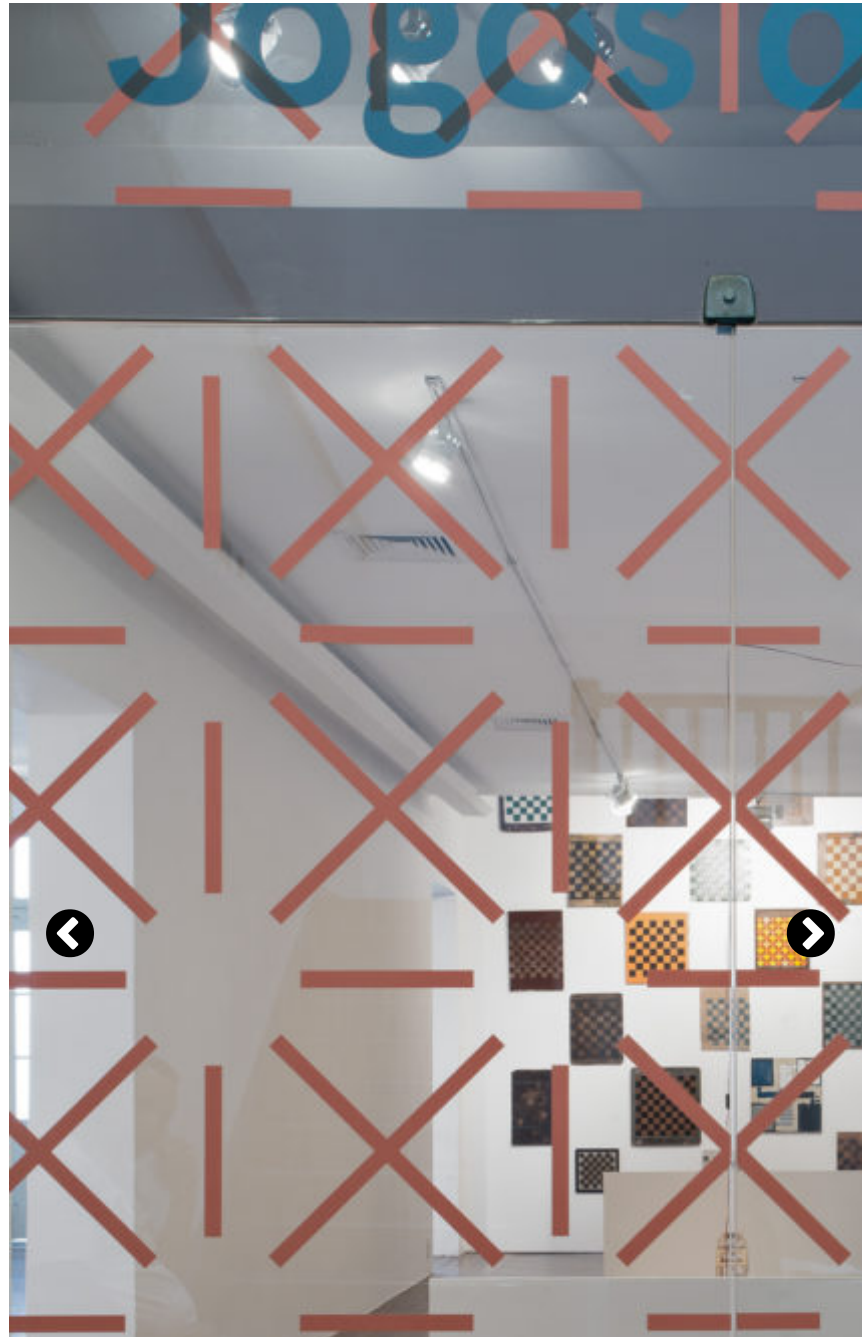
---

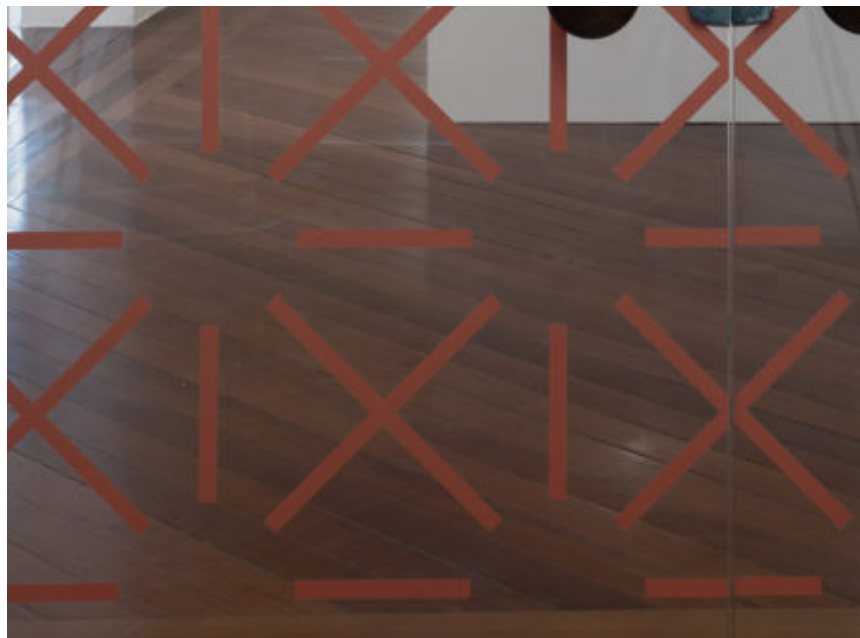


BY  
PAULA  
BORGHI

4 YEARS  
AGO

# “O TRIUNFO DE OLYMPIA”





### Berlim 1936 – Rio de Janeiro 2016

Desde Berlim (1936), a estética de Leni Riefenstahl, representada pela combinação entre um corpo “belo” e a massa “feliz”, permeia a coreografia dos Jogos Olímpicos. Às vezes mais, como em Moscou e Berlim, às vezes menos, como nos jogos “serenos” de Munique em 1972<sup>[1]</sup>. Nem sequer a introdução de cenários da cultura pop a partir dos anos 80 foi capaz de mudar esse



lhe apenas outra dimensão, que dificilmente passa despercebida: a do patrocinador.

Passados 80 anos, o problema muda de nome. Nas Olimpíadas do Rio 2016, não por acaso, a Agência Brasileira de Inteligência realiza uma campanha de prevenção ao terrorismo anunciando que pessoas suspeitas “utilizam roupas, mochilas e bolsas destoantes das circunstâncias e do clima; agem de forma estranha e demonstram intenso nervosismo”.

Enquanto isso, a polícia militar se antecipa tachando qualquer jovem negro e pobre como menor infrator<sup>[2]</sup>. Uma vez mais Riefenstahl reavive, com parâmetros visuais que dão forma ao indivíduo “mal”, perigoso, nocivo a sociedade etc...

Para além do poder da imagem, a perseguição étnica (na maioria das vezes vinculada as classes sociais) é um assunto que está longe de ser abolido. Se dentro de uma mesma cultura é quase que impossível a compreensão do outro, quem dirá com aquela que o difere. Se os anéis entrelaçados da bandeira olímpica representam a paz e a



um dia foi justificado para promover a união de raças dos cinco continentes, hoje perdura sem efeito. O que temos é uma esperança vestida com belas imagens em harmonia ao entusiasmo das competições.

### Palmas 2015 – Rio de Janeiro 2016

A fim de banir (ou por que não escancarar?) o espírito de Riefenstahl, ainda que apenas no gesto, a exposição “Jogos do Sul” busca resgatar a atenção sobre a autodeterminação do esporte e seus momentos sublimes. O desafio, então, é tentar resgatar a poética do esporte com a consciência do cenário em que esta se encontra. Para isso, um grupo de artistas e pesquisadores assistiram aos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas – IJPMI(Palmas, 2015)<sup>[3]</sup> e vivenciaram os reflexos de mais um megaevento esportivo no Brasil, entre a Copa 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Uma experiência que aponta, não raramente, que este tipo de acontecimento está mais ligado à retórica



interação saudável entre indivíduo e sociedade.

Pois tanto a cidade de Palmas como do Rio de Janeiro se mostraram inaptas para receber eventos desta grandeza, vide a falta de estrutura, planejamento e comprometimento dos envolvidos. Além do que, se durante os IJMPI os indígenas revogavam pelo fim da PEC 215 (que transfere ao legislativo o poder de demarcação de terras indígenas, em outras palavras, a bancada ruralista), nas Olimpíadas em 2016 os moradores da Vila Autódromo foram retirados a força de suas casas para dar lugar ao que hoje se chama Vila Olímpica. Ainda que pareçam dois problemas distintos, no fundo, ambos tocam o mesmo ponto: a carência de direito daqueles que sempre foram explorados.

Contudo, mesmo com consciência do abuso de poder sobre as chamadas “minorias étnicas” e a precarização estrutural oferecida tanto aos atletas como ao público, persistisse o fervor daqueles que assistiram



show continue.

Movido por essas inquietações e experiências, “Jogos do Sul” propõe refletir sobre o impacto social e a real necessidade de mais um megaevento esportivo de caráter internacional. Observar de perto como um episódio desse porte modifica a cidade e como isso interfere diretamente em seu cotidiano.

Uma é uma exposição de arte contemporânea que vai em contraponto ao espetáculo olímpico, ao mesmo tempo em que tenta resgatar as antigas virtudes do olival sagrado de Olímpia, que dirigia congregação entre povos em uma disputa salutar. Pois se bem sabemos da capacidade do esporte olímpico em produzir grandes narrativas e cenas sublimes, cujos melhores momentos superam o dia a dia e são capazes de adentrar zonas de utopia, sabemos da sua competência em distorcer significados. Esse efeito positivo e catártico, no entanto, não consegue ocultar seu grande e persistente dilema. Olimpíadas para quê e para quem?



Paula Borghi

Agosto de 2016

#### NOTAS DE RODAPÉ

<sup>[1]</sup> De uma Alemanha que tentava mostrar ao mundo uma nova nação democrática pós-nazismo. Em uma Olimpíada que sofre um atentado terrorista ao comitê esportivo israelenses.

<sup>[2]</sup> VIDE MATÉRIA FOLHA:  
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/09/1687195-ao-menos-dez-menores-sao-recolhidos-em-blitz-no-rio-de-janeiro.shtml>

<sup>[3]</sup> VIDE MATÉRIA FOLHA:  
<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2015/10/1694663-jogos-mundiais-indigenas-enfrentam->





## CRÉDITOS DAS IMAGENS

Registro da exposição "Jogos do Sul" |

Imagem em destaque | Romy Pocztaruk (da série Olympia)

---

Like this:

Like

Be the first to like this.

---

### Related

[The art world  
wants to give  
you a big hug!](#)

22/10/2020

In "Desenho"

[Arrasto:  
memória  
submersa ou  
retida nas  
margens do  
rio que corre  
para o interior](#)

01/04/2019

In "Texto,  
artigo, ensaio"

[Articulações  
da cena de arte  
independente](#)

de Berlim |

[entrevista com](#)

[Friederike](#)

[Landau](#)

22/10/2020

In

"Entrevista"



CRÍTICA SOCIAL, DISTORSÃO, ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA, ETNIA, EXPOSIÇÃO, GENTRIFICAÇÃO, I JOGOS MUNDIAIS DOS POVOS INDÍGENAS, IMAGEM, INDÍGENA, INDIVÍDUO, IRONIA, JOGOS DO SUL, JOGOS OLÍMPICOS, LEGADO DAS OLIMPÍADAS, LENI RIEFENSTAHL, MINORIAS ÉTNICAS, OLÍMPIA, OLIMPÍADAS, OLYMPIA, PALMAS, PATROCINADOR, PAULA BORGHI, PEC 215, PERSEGUIÇÃO ÉTNICA, POÉTICA DO ESPORTE, POLÍTICA, PROPAGANDA, RAÇA, RIO 2016, RIO DE JANEIRO, SOCIEDADE, UTOPIA, VILA AUTÓDROMO, VILA OLÍMPICA

**PREVIOUS ARTICLE**

Os museus e o turismo cultural

**NEXT ARTICLE**

BRUNO KURRU | SEM FUNDAMENTO